

**O SUJEITO PRONOMINAL DE 3ª PESSOA NO PORTUGUÊS CULTO
DO RIO DE JANEIRO: UM ESTUDO EM TEMPO REAL***

(The third person pronominal subject in Rio de Janeiro educated
speech: a short term real time study)

Ângela Marina BRAVIN DOS SANTOS
(Faculdade Machado de Assis, Rio de Janeiro)

ABSTRACT: *This is a variationist “short term real time study” of change, focusing the third person anaphoric subject, based on samples of high-level educated speakers from Rio de Janeiro, recorded in the 70’s and the 90’s, with an interval of about 20 years. Two types of studies have been carried out: a panel study, which examines the performance of the same individual in two different moments and a trend study, which investigates two samples of the same community in the same span of time. The theoretical framework associates assumptions of the Theory of Variation and the Principles and Parameters Theory. The paper also presents a comparison with European and Mozambican Portuguese.*

KEY-WORDS: *Short term real time study; The Theory of Variation, High-level educated speakers from Rio de Janeiro; Principles and Parameters.*

RESUMO: *Este é um trabalho variacionista sobre a mudança em tempo real de curta duração, que focaliza o sujeito anafórico de terceira pessoa, com base em amostras da fala culta do Rio de Janeiro, gravadas nos anos 70 e 90, com um intervalo de cerca de 20 anos. Dois tipos de estudos foram realizados: um estudo de painel, que examina o desempenho do indivíduo em dois momentos distintos, e o estudo de tendência, que investiga duas amostras de fala da mesma comunidade colhidos no mesmo intervalo. O quadro teórico associa pressupostos da Teoria Variacionista e da Teoria de Princípios e Parâmetros. O trabalho apresenta, ainda, uma comparação com o português europeu e o moçambicano.*

PALAVRAS-CHAVE: *Mudança em tempo real de curta duração; Teoria da variação, Fala culta carioca; Princípios e Parâmetros.*

* Agradeço as sugestões e perguntas dos pareceristas anônimos, que contribuíram para esclarecer alguns pontos do trabalho. As falhas que porventura permaneçam são de minha inteira responsabilidade.

1. Introdução

Estudos sociolingüísticos com base na fala culta carioca (Duarte 1995, 1998, 1999a, 1999b) demonstram que, enquanto na variedade europeia do português predomina a opção pela representação vazia do pronome, na brasileira, a preferência recai sobre o sujeito pronominal pleno em todos os contextos, o que sinaliza uma mudança em curso na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo. Entretanto, em todas as investigações de Duarte, ficou evidenciado o comportamento diferente da 3ª pessoa em relação às demais. A autora notou que o avanço do preenchimento do sujeito pronominal nesse contexto não se dava com o ritmo intenso verificado na primeira e segunda pessoa.

Dessa constatação vem a motivação para este trabalho, cujo objetivo principal foi investigar, num estudo da mudança em tempo real de curta duração, nos moldes desenvolvidos por Labov (1994), o comportamento do sujeito anafórico de 3ª pessoa na fala culta do português brasileiro (PB), mais especificamente no dialeto carioca, tomando por base teórico-metodológica os pressupostos da Sociolingüística, aos quais foram associados alguns pressupostos da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1981).

Para o estudo da mudança em tempo real, dois tipos de análises foram realizadas: um estudo de “painel”, que examina o desempenho do indivíduo em dois momentos distintos, e o estudo de “tendência”, que investiga duas amostras de fala da mesma comunidade, estratificada segundo as mesmas variáveis sociais, colhidas no mesmo intervalo de tempo. As amostras utilizadas fazem parte do Projeto NURC-RJ, foram gravadas nos anos 70 e 90, separadas por um período de 20 anos, aproximadamente. A perspectiva do trabalho foi a de olhar, no PB, para o fenômeno da mudança na 3ª pessoa, buscando fazer uma análise variacionista que leva em conta a implementação e o encaixamento da mudança lingüística. Pretende-se, com esse procedimento, verificar, na fala culta do PB, no período em análise, se houve mudança no indivíduo e na comunidade, no que tange ao comportamento da realização do sujeito pronominal de 3ª pessoa.

Ao mesmo tempo, objetivou-se refletir sobre o PB no contexto das línguas românicas dentro do quadro de Princípios e Parâmetros para interpretar o comportamento do sujeito anafórico de 3ª pessoa inter e intra-

sistemas, bem como proceder a uma leitura parametrizada de tal fenômeno, o que significa levar em conta realidades gramaticais de uma língua ou de línguas diferentes. Para tanto, desenvolveu-se uma análise comparativa entre as variedades portuguesa, brasileira e moçambicana do português. Os resultados obtidos para o PB, referentes à amostra mais recente, foram comparados a resultados do português europeu (PE) e português moçambicano (PM), com o objetivo de verificar o comportamento dessas duas variedades em relação ao fenômeno.

Acredita-se que, no PB, a mudança de língua de sujeito nulo para língua de sujeito pleno se dá mais lentamente na 3ª pessoa, porque esta, ao contrário da 1ª. e 2ª., inclui itens que não são inerentemente [+humanos] e [+específicos] (cf. Cyrino, Duarte & Kato 2000). A 3ª. pessoa conta com referentes [+/-animados], [+/-específicos], o que pode explicar essa implementação mais lenta. Levando-se em conta essa propagação gradual, pode-se levantar a hipótese de que a produção do PB (ou seja, a língua-E, no sentido chomskyano) se encontra num estágio intermediário: nem tem um comportamento de língua de sujeito nulo prototípica nem de língua de sujeito preenchido. A pergunta que se faz é: essa variedade do português está em processo de se tornar uma língua negativamente marcada em relação ao Parâmetro do Sujeito Nulo ou se fixou num sistema (mais ou menos estável) de *pro-drop* parcial?

Este artigo está assim organizado: na seção 2, serão apresentados os pressupostos teóricos que fundamentam a análise: uma teoria da mudança lingüística, apresentada em Weinreich, Labov & Herzog (1968) e o estudo da mudança em tempo real de curta duração (Labov (1994) e uma teoria da linguagem, que permita levantar os contextos que impulsionam/refreiam a mudança no seu processo de implementação e guiar a procura de evidências do encaixamento da mudança no sistema, isto é, buscar que outros traços estão associados à mudança em questão de uma forma não acidental. Na seção 3, será descrita a metodologia de análise. Em 4, serão apresentados os resultados para o estudo de painel e o de tendência. A comparação entre o PB, PE e PM será apresentada em 5. Na seção 6 serão feitas algumas considerações a que a análise permite chegar.

2. Fundamentação teórica

2.1. *A Sociolinguística variacionista*

No início do século XX, sob uma perspectiva saussuriana, não se podia compreender a noção de língua sem a consideração de que, num momento determinado de sua história, os elementos lingüísticos se organizam sincronicamente de modo a formarem um sistema a partir da conexão simultânea entre eles – sincronia- e de que essa mesma língua pode se transformar através do tempo, com a substituição de um elemento por outro sem qualquer vínculo de conexão que possa estruturar um sistema – diacronia. Havia, assim, uma rígida separação entre os fenômenos sincrônicos e diacrônicos, o que impossibilitava a observação de uma mudança em curso na língua. Dessa forma, uma mudança lingüística só poderia ser estudada quando estivesse concluída. Era como se a transformação ocorresse abruptamente de um período para o outro. Passadas algumas décadas, Weinreich, Labov & Herzog (1968) demonstram a possibilidade de se apreender uma mudança lingüística na sua gradualidade.

Na visão estruturalista, considera-se a língua um objeto homogêneo. Isso significa que, nesse modelo, a variação lingüística fica à margem do sistema lingüístico, domínio, por excelência, da invariância, com o qual o paradigma variacionista rompe ao pressupor uma concepção de língua em que a heterogeneidade é característica inerente ao sistema e, por conseqüência, parte integrante da competência lingüística do falante.

Antes de uma determinada mudança se efetivar no sistema lingüístico, há um período de variação em que duas estruturas competem até o momento em que apenas uma ganha terreno e se instala na língua. Além dessa noção de variação como pressuposto para a ocorrência de mudança, são importantes as noções de formas variantes, variável e mudança lingüística. A primeira é concebida como as “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade” (Tarallo 1985:8), que constituem, no conjunto, uma variável lingüística. Quando uma das variantes desaparece ou é substituída por outra, ocorre a **mudança lingüística** que é precedida de um período de variação entre as formas em competição. É aí que entram os pressupostos da Sociolinguística Variacionista, que procura fornecer princípios teóricos e procedimentos

metodológicos para avaliar o caráter progressivo das variações dentro de um sistema.

O que subjaz ao paradigma variacionista proposto no clássico *Empirical Foundations for a Theory of Language Change* (1968) seria, sob os olhos de Saussure, um paradoxo: como fazer diacronia numa análise sincrônica? O recurso utilizado por Weinreich, Labov & Herzog para desfazer a contradição foi o de procurar apreender a implementação de uma mudança em curso a partir do pressuposto de que as diferenças lingüísticas entre gerações, observadas em um determinado momento, podem revelar os movimentos dentro de um sistema, uma vez que o comportamento lingüístico de cada geração caracteriza um estágio da língua.

Trata-se de conceber a mudança lingüística como um processo de descontinuidade entre gerações, cabendo aos mais jovens a função de interromperem o *continuum* ao introduzirem na língua novas variantes que, gradativamente, substituirão as formas produzidas por falantes mais velhos. É uma corrida de revezamento entre pessoas de diferentes idades, se permitem a metáfora, em que o objetivo seria os jovens tomarem o bastão/ a forma lingüística para, de alguma forma, transformá-lo (la), o que daria continuidade ao movimento na língua, ao mesmo tempo em que duas formas representativas de diferentes estágios coexistiriam no sistema. Olhar, portanto, para o comportamento lingüístico de indivíduos de faixas etárias diferentes é observar a face diacrônica da mudança. Tem-se, pois, o que Labov chamou de estudo da mudança no **tempo aparente**.

Algumas pesquisas de cunho variacionista investigaram, sob a perspectiva da mudança no tempo aparente, o comportamento do sujeito pronominal e a conclusão a que se chegou é a de que, no tocante à realização do pronome sujeito, está em curso no português brasileiro uma mudança lingüística – de língua de sujeito nulo para língua de sujeito pleno. Isso significa que o reconhecimento desse movimento lingüístico, apreendido no estudo sincrônico, permite ao investigador acompanhar a trajetória de um fenômeno que faz parte dos processos que afetam até mesmo a configuração tipológica do português.

Mas nada na língua muda sem provocar uma reação em outro ponto do sistema numa clara relação de causa e efeito entre os processos, o que a Sociolingüística laboviana considera um encaixamento da mudança no sistema (*embedding*), embora o movimento lingüístico não se processe de

um sistema inteiro a outro, mas em um conjunto de elementos interligados que alteram seus valores gradualmente.

Sob a perspectiva do estudo da mudança em tempo aparente, também é possível depreender correlações entre fenômenos lingüísticos aparentemente não inter-relacionados (Paiva e Duarte 2003). Toma-se aqui, como exemplo, a hipótese levantada por Duarte (1999:111) de que no português brasileiro falado o sistema estaria lançando mão de diferentes recursos para preencher a posição dos sujeitos não-argumentais como uma reação natural à mudança no comportamento do sujeito argumental. Assim é que a realização de orações impessoais com a posição do sujeito preenchida, exemplificada em (1), é cada vez mais freqüente (Kato e Duarte 2003)¹.

- (1) Lá, por exemplo, aonde mora a minha sogra, ela mora lá há trinta anos. Ela não tem grades na janela dela. (__ Não tem/há grades na janela dela.) (exemplo de Duarte 2003)

Essa possível relação entre processos lingüísticos, denominada, na teoria variacionista, *embedding problem*, parece também poder explicar outros fenômenos relacionados à tendência ao preenchimento da posição do sujeito no português brasileiro, como as freqüentes construções com sujeito deslocado à esquerda, ou duplo sujeito:

- (2) **A guerra ela** traz o medo e a solidão... (Exemplo de língua escrita – Bravin dos Santos 2000)

e a realização dos sujeitos de referência arbitrária por formas plenas, principalmente pelo pronome **você**:

- (3) Dinheiro, **você** pode tê-lo facilmente... (Exemplo de língua escrita – Bravin dos Santos 2000)

A partir dessas evidências, pode-se pressupor que, de fato, há um movimento na língua, cujas conseqüências já se fazem notar no surgimento de estruturas incompatíveis com língua de sujeito nulo, como as cons-

¹ Kato e Duarte(2003) mostram que a posição de sujeito não argumental no PB começa a ser preenchida na fala como conseqüência da perda do “Princípio Evite Pronome” (PEP) de Chomsky (1981). A hipótese é a de que o fenômeno do sujeito nulo não forma um grupo homogêneo de línguas, havendo a necessidade de sub-parâmetros que dêem conta de variações lingüísticas mais finas.

truções com duplo sujeito, exemplificadas em (2). Porém, apreender uma mudança em seu curso é tarefa difícil. Para o pesquisador alcançar resultados que o levem a “diagnosticar” uma mudança em curso em determinado sistema lingüístico, torna-se necessário lançar mão de técnicas diferentes das empregadas na investigação que toma por base o estudo no tempo aparente. Trata-se da proposta laboviana (1994) que parte do pressuposto de que os movimentos apreendidos através do estudo de diferentes faixas etárias podem ser complementados por uma análise em tempo real de curta duração.

O estudo da mudança em tempo real remete-nos a estudos longitudinais que comparam a direcionalidade de um fenômeno variável em diferentes sincronias e em longo prazo, como é o caso do trabalho de Berlinck (1989), que investigou o fenômeno da ordem V SN em três momentos históricos distintos: séculos XVIII, XIX e década de 80 do século XX, chegando à conclusão de que houve uma diminuição da freqüência no que se refere à ordem V SN e uma alteração nos fatores estruturais relacionados a ela: se antes a ordem V SN estava principalmente relacionada ao status informacional (novo) do SN, no século XX, a transitividade verbal (verbos monoargumentais) passa a ser o fator mais importante na sua manutenção no sistema.

Claro está que a autora buscou registros de estágios anteriores; mas, se para a análise do comportamento do falante do século XX, na década de 80, já se podia contar com sua produção oral registrada em amostras de língua falada, para os demais períodos, isso era impossível, o que levou Berlinck a buscar evidências do fenômeno investigado em textos escritos. E é justamente aí que se instaura um dos problemas da teoria variacionista: como verificar um fenômeno lingüístico em sua trajetória no tempo se não há mais falantes representativos da época em análise?

Se, por um lado, não existem mais falantes, por outro, permanecem os textos escritos, sobre os quais o pesquisador se debruça para tentar “fazer o melhor uso de maus dados” (Labov 1994: 11), já que só lhe restam os resultados finais de todo um processo que envolve a produção escrita, principalmente a filtragem de algumas construções freqüentes na fala. Por isso, o sociolingüista que se propõe a fazer um estudo diacrônico jamais tem às mãos o que seria considerado “os bons dados”: as ocorrências da fala

espontânea do indivíduo.² O tratamento da mudança em tempo real foi refinado em Labov (1994). Nesse trabalho, o autor lança as bases para o estudo que permite o confronto de duas sincronias separadas por um espaço de tempo de aproximadamente 18 anos, o que equivale a uma geração. É o que se chamou de análise da mudança em tempo real de curta duração.

2.2. Estudo da mudança em tempo real de curta duração

Talvez a principal vantagem da análise em tempo real de curta duração seja a possibilidade de o pesquisador poder verificar a relação entre a fala do indivíduo e a da comunidade, o que lhe permite observar a continuidade do comportamento lingüístico do indivíduo no comportamento da comunidade e vice-versa, sem, contudo, deixar de considerar, por um lado, as especificidades de cada falante e, por outro, os padrões lingüísticos que regulam a produção da comunidade. Assim, pode-se observar: a) como o indivíduo muda, ou não, seu comportamento lingüístico com o passar do tempo e b) como a comunidade se comporta: mantém-se estável ou apresenta instabilidade no percurso do tempo em análise?

De acordo com Labov (1994), combinando-se essas possibilidades, chega-se a quatro padrões distintos que podem explicar a relação indivíduo/comunidade:

	Indivíduo	Comunidade
1. Estabilidade	Estável	Estável
2. Gradação etária	Instável	Estável
3. Mudança geracional	Estável	Instável
4. Mudança na comunidade	Instável	Instável

Quadro 1: Padrões de mudança no indivíduo e na comunidade
(adaptação da tabela 4.1, Labov, 1994:83)

² Paiva e Duarte (2003) apresentam outras limitações que sofre o pesquisador ao trabalhar com o tratamento da mudança lingüística em tempo real de longa duração, como, por exemplo, a preservação, na escrita, de formas que desapareceram há muito tempo da fala. Além disso, nesse trabalho, as autoras procuram mostrar como é possível avaliar a documentação do passado, considerando o presente. Segundo elas, é natural esperar que, em relação a um determinado fenômeno variável, os mesmos princípios atuantes no presente tenham exercido influências também no passado. É o que demonstra a pesquisa de Naro (1998), que encontra em textos medievais o mesmo efeito da saliência fônica encontrado na fala contemporânea sobre a perda de marcas de concordância verbal.

Só ocorre mudança lingüística se houver instabilidade na perspectiva do indivíduo e da comunidade, o que configura a quarta possibilidade. Se há, por um lado, instabilidade no comportamento do indivíduo e, por outro, estabilidade no âmbito da comunidade, emerge um caso de gradação etária que não atinge o sistema e que, portanto, não é indicativo de mudança. Também não haverá movimento lingüístico quando apenas a comunidade estiver instável, o que seria uma mudança geracional. A identificação desses padrões pode se concretizar, segundo Labov (1994), se tanto o comportamento do indivíduo quanto o da comunidade forem submetidos a um estudo em tempo real de curta duração. Para o primeiro caso, o autor propõe que se proceda ao estudo denominado “estudo de painel” [*panel study*]; para o segundo, um “estudo de tendência” [*trend study*]. A combinação dos dois estudos permite apreender movimentos lingüísticos ou equilíbrio em um determinado sistema. Essa combinação, entretanto, não é tão simples assim, conforme demonstrou Sankoff (2006), uma vez que os padrões 2 e 3, exibidos no quadro 1, podem coexistir com uma mudança contínua.

O estudo de painel é feito através da comparação do comportamento do mesmo indivíduo em dois momentos separados por um intervalo equivalente a uma geração, o que corresponde aproximadamente a 18 anos, período considerado suficiente para o pesquisador depreender indícios de equilíbrio ou irregularidade no seu comportamento.

No estudo de tendência, comparam-se duas amostras de uma mesma comunidade de fala, submetidas aos mesmos parâmetros sociais nas duas sincronias. A exigência é que cada amostra seja aleatória para dar garantia de que os falantes sejam, de fato, representativos da comunidade no momento da gravação. Só assim serão obtidos resultados capazes de refletir o comportamento da comunidade.

2.3. *Uma teoria da linguagem: a teoria de Princípios e Parâmetros*

A Teoria de Princípios e Parâmetros concebe a Gramática Universal (UG) como um conjunto de princípios rígidos e invariáveis “que qualquer gramática final terá de incorporar” (Raposo 1992:54). Um desses princípios, que interessa a este trabalho, é o Princípio de Projeção, segundo o qual as orações das línguas humanas possuem um sujeito, referencial ou

não referencial (isto é, selecionado ou não pelo verbo). Ao lado dos princípios rígidos, há um sistema de princípios abertos - os parâmetros - que vão se definindo ao longo do processo de aquisição da linguagem e acabam por determinar as particularidades de cada língua. Cada parâmetro é definido pelos valores positivo e negativo e é caracterizado por um conjunto de propriedades. A criança fixará um dos valores a partir das informações recebidas no seu meio ambiente lingüístico, ou seja, a partir dos dados que lhe serviram de *input* para a aquisição.

A aquisição da linguagem está, pois, ligada à fixação dos parâmetros que, por serem princípios abertos e abstratos, carregam a possibilidade de alteração das propriedades que os caracterizam. Essa noção tem implicações importantes para a lingüística histórica, uma vez que possibilitou o reconhecimento de mudanças diacrônicas a partir da alteração “do valor de um ou mais parâmetros num dado sistema lingüístico” (Raposo, 1992: 62). Isso implica também o trabalho com dados reais em termos quantitativos. Supõe-se, assim, que, quando um parâmetro se encontra em mudança, uma determinada estrutura a ele ligada torna-se menos freqüente e, portanto, distanciada do meio ambiente lingüístico a que a criança está exposta e, conseqüentemente, não mais lhe servirá de *input*.

Dentre os parâmetros postulados, e intimamente ligados ao Princípio de Projeção, destaca-se o Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN). Uma língua é marcada positivamente em relação a esse parâmetro quando admite, entre outras propriedades (Raposo, 1992), sujeitos pessoais (de referência definida e arbitrária) e expletivos (não referenciais) foneticamente nulos, o que é possível graças à força da flexão verbal (pelo menos no que diz respeito às línguas românicas), elemento capaz de licenciar e identificar a posição vazia em orações pessoais e licenciá-la em impessoais, uma vez que esses sujeitos não argumentais não precisam ser identificados, já que não têm conteúdo semântico referencial. Tais propriedades colocam a língua portuguesa no grupo das línguas românicas referidas como línguas *pro-drop*, às quais subjaz um princípio de que um pronome na posição do sujeito só deve ocorrer quando sua interpretação estiver comprometida – Princípio “Evite Pronome” (Chomsky, 1981). Isso mostra que o caráter opcional, mencionado por Raposo, atribuído à presença/ausência do pronome pessoal nas línguas de sujeito nulo é relativo, uma vez que há sérias restrições ao seu uso, predominando a sua omissão.

Em línguas *pro-drop*, como o espanhol, o italiano e o português europeu, há maior exigência de sujeitos nulos em certos contextos sintáticos, como aqueles em que há orações (independentes ou subordinadas) com sujeitos correferentes. Trata-se de contextos em que o referente é “esperado” (Calabrese 1986) ou “mantido” (Paredes Silva 1988,1993), isto é, o antecedente se encontra numa posição sintaticamente acessível e não há entre o referente e o sujeito qualquer elemento capaz de gerar ambigüidade na interpretação de uma categoria vazia.

Poder-se-ia dizer, assim, que uma criança brasileira ou portuguesa fixa o valor positivo do parâmetro do sujeito (+*pro-drop*), pois, teoricamente, ela estaria exposta a um número abundante de orações sem sujeito foneticamente realizado. Ora, considerando os resultados dos trabalhos de Duarte sobre o PB, e sobre o PE, pode-se afirmar que as crianças brasileiras, ao contrário das portuguesas, recebem como *input* pronomes sujeitos plenos, o que as leva a fixar tal parâmetro negativamente, acarretando, em consequência, uma mudança paramétrica no português do Brasil.

A gramática do português, na sua variedade brasileira, a partir do final do século XIX (Tarallo 1987,1993), passa por um período de mudanças relacionadas umas às outras. Pesquisadores brasileiros, dentre os quais se destacam o próprio Tarallo (1983), Kato, Duarte, Cyrino e Berlinck (no prelo), desde a década de 80, observam uma possível reação em cadeia provocada pela mudança na marcação do parâmetro do sujeito nulo, que pode ser vista não só no aumento percentual de sujeitos preenchidos e do objeto nulo, mas também na fixação da ordem VS em interrogativas e declarativas.

Ora, o modelo de estudo da mudança tal qual proposto em Weinreich, Labov & Herzog (1968) pressupõe a utilização de uma teoria da linguagem que possa orientar a análise dos condicionamentos lingüísticos, da implementação, da transição e do encaixamento da mudança. Tarallo e Kato (1989) adotam justamente a teoria de Princípios e Parâmetros para orientar as análises sobre esses processos de mudança no PB.

Da articulação entre a Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981) e a Sociolingüística Variacionista (Weinreich, Labov & Herzog 1968), Tarallo e Kato (1989) e seus seguidores iniciaram as investigações no PB embasados em pressupostos que dariam conta dos fatores estruturais envolvidos na mudança sintática, sem deixar de lado aspectos sociais, o que

possibilitaria investigar a hipótese de que variáveis extralingüísticas poderiam estar atuando nas mudanças qualitativas do PB e que justificariam a configuração de uma gramática diferente da do PE.

No tocante ao parâmetro do sujeito nulo em PB, a questão do encaixamento passa a ser de fundamental importância, visto que permite ao pesquisador verificar em que propriedade do parâmetro se iniciaram as alterações e como as outras foram atingidas. Assim, se perdemos a propriedade que leva à omissão do sujeito pronominal de referência definida, podemos esperar que ocorram alterações na representação do sujeito de referência arbitrária (indeterminada) e na do sujeito não referencial. Mas se o PB, ainda, não desenvolveu um expletivo lexical para preencher os sujeitos não referenciais, isso pode se dever à sua natureza de língua parcialmente orientada para o discurso, como mostram os trabalhos de Pontes (1987), Vasco (2006), Orsini (2003). Numa língua orientada para o discurso não há expletivos lexicais com “it” “there”.

3. Metodologia

3.1. *As amostras*

A análise do português brasileiro foi efetuada com base nas entrevistas do Projeto NURC-RJ, cujo objetivo é caracterizar a modalidade culta da língua falada na cidade do Rio de Janeiro e conta com entrevistas gravadas na década de 70 e na década de 90. Para o estudo de painel conta-se com 11 indivíduos recontactados, como se vê na tabela 1. O estudo de tendência se baseia na fala de 11 falantes de formação universitária, distribuídos em quatro faixas etárias: de 25 a 35 anos – faixa 1, de 36 a 55 anos – faixa 2, de 56 anos em diante – faixa 3, como mostra a tabela 2. Os 22 inquiridos³ estão disponíveis no site www.lettras.ufrj.br/nurc-rj, em que se encontram as informações acerca do Projeto NURC-RJ.

³ As entrevistas são do tipo DID (diálogo entre informante e documentador).

Falante	Gênero	Idade (1ª. Entrevista)	Idade (2ª. Entrevista)
INQ. 96	M	25	45
INQ.11	F	26	46
INQ.133	F	31	50
INQ.164	M	34	53
INQ.52	M	39	59
INQ.233	M	41	59
INQ.002	F	44	65
INQ.140	F	55	74
INQ.71	M	56	79
INQ.347	F	57	79
INQ.373	F	58	76

Tabela 1: Informantes para o Estudo de Painel

Faixa etária	AMOSTRA DÉCADA 70		AMOSTRA DÉCADA 90	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Faixa 1 de 25 a 35 anos	INQ.164 INQ.96	INQ.11 INQ.133	INQ. 13 INQ.23	INQ.15 INQ.12
Faixa 2 de 36 a 55 anos	INQ. 233 INQ.52	INQ.140 INQ.002	INQ.14 INQ.17	INQ.20 INQ.19
Faixa 3 de 56 em diante	INQ.71	INQ.373 INQ.347	INQ.18 INQ.28	INQ.27

Tabela 2: Distribuição dos informantes para o estudo de tendência

3.2. Seleção dos dados

Na análise, são considerados os sujeitos anafóricos de terceira pessoa de referência definida em orações finitas que apresentem um antecedente explícito no discurso, podendo ocorrer a opção pelo pronome nulo, aqui simbolizado por (cv), significando “categoria vazia”, pelo pronome expresso e por um sintagma nominal, exemplificados em (4), (5) e (6), respectivamente, nas orações em itálico.

- (4) eu dirijo meu carro na própria velocidade que:: eu acho adequada sem prestar atenção a que os vizinhos impacientes_i que buzi::nam pensam que eu estou no caminho deles_i ao invés de ver *que (cv)_i estão neurastênicos*.(INQ. 27/década de 90).
- (5) bem os sindicatos_i surgem no governo de Getúlio Vargas... *eles*_i ganham seu/sua *crista no governo de Getúlio Vargas* (INQ.96/ década de 70)
- (6) aliás tinha também penteadeira que essa mobília é do meu... do casamento da minha mãe_i ainda então (cv)_i diz que tinha a arca... e penteadeira... *minha mãe*_i se desfêz da arca (INQ.11/década de 70)

Excluíram-se as coordenadas não iniciais com sujeitos correferentes, porque seu apagamento nessas construções é uma propriedade mais geral das línguas e, segundo Duarte (1993), considerá-las em uma análise que busca as diferenças entre as línguas desviaria o pesquisador do “pretendido exame da mudança paramétrica em curso” (Duarte, 1993: 116).

3.3. Grupos de fatores

A variável dependente sob análise é “preenchimento x não-preenchimento do sujeito anafórico de terceira pessoa” e foi examinada em relação a grupos de fatores lingüísticos: número gramatical, forma verbal (simples ou complexa), tempo e modo verbal, tipo sintático da oração, presença ou ausência de introdutor da oração (elemento em CP), presença/ausência de adjuntos ao sujeito (adjunção a IP⁴), elementos intervenientes entre sujeito e verbo, acessibilidade do antecedente, animacidade do antecedente, verbo ser x outros verbos; e extralingüísticos: faixa etária e gênero (sexo do falante). Para o estudo de Painel, foi criado o grupo **identificação do informante**, em que cada indivíduo é identificado com um código diferente em relação à primeira e à segunda entrevista, uma vez que a comparação deve ser feita com base numa mesma rodada.

Os dados foram submetidos ao programa de regra variável VARBRUL, que viabilizou o estudo variacionista acerca do comportamento do sujeito anafórico de 3ª pessoa na fala culta carioca, fornecendo os percentuais e os pesos relativos, que serviram para indicar os fatores mais significativos para realização da variável sob análise. Todos os passos da aplicação do modelo quantitativo estão delineados em Naro (2003).

⁴ Termo tomado da Teoria da Regência e Ligação (Raposo 1992).

4. Resultados

4.1. Estudo de Painei

Para verificarmos se há, em relação à forma de realização do sujeito anafórico de 3ª pessoa, um comportamento estável ou indícios de mudança no interstício de tempo que separa as duas amostras, partimos da análise do indivíduo⁵. Considerou-se, inicialmente, o resultado extraído de uma rodada conjunta dos dados do falante na década de 70, por um lado, e da década de 90, por outro, a fim de que os pesos para cada década pudessem ser comparados. Tomou-se como valor de aplicação o sujeito nulo. Os resultados gerais para a distribuição das ocorrências aparecem na tabela 3.

Sujeito nulo	Pronome	SN	Total
535	623	120	1278
42%	49%	9%	100%

Tabela 3: Distribuição geral das variantes: o sujeito anafórico

No âmbito geral, levando-se em conta apenas a oposição sujeito nulo x pronome, os percentuais revelam uma pequena diferença (7%), indicando que há, de fato, uma verdadeira competição entre as duas formas, ao contrário, do que se supõe ocorrer em línguas de sujeito pleno ou em línguas de sujeito nulo. Esse resultado indica que, de fato, a 3ª pessoa constituiu-se num contexto de resistência à implementação da mudança em curso no português do Brasil; mas se juntarmos a realização por um SN à realização por um pronome pleno, passaremos a 58% de sujeitos anafóricos expressos, o que dará vantagem à expressão em relação à não-expressão do sujeito. Como o uso do SN apresentou resultado pouco expressivo, optou-se pela sua exclusão, o que se deve ao fato de esta análise se interessar particularmente pelo uso de pronomes nulos e plenos. O uso de SNs pare-

⁵ No estudo de Painei, as variáveis lingüísticas não foram consideradas, porque os informantes da década de 70 são os mesmos que compõem a amostra utilizada na primeira fase do estudo de Tendência, o que levou à decisão de a análise dos grupos lingüísticos ser desenvolvida somente no estudo da comunidade.

ce ser funcionalmente motivado, não distinguindo duas gramáticas (dois sistemas lingüísticos). Seu estudo, portanto, parece mais adequadamente tratado dentro de uma perspectiva funcional, que leve em conta o contexto discursivo e tal perspectiva foge ao escopo do presente trabalho.

Os resultados percentuais e os pesos relativos obtidos para cada década aparecem na tabela 4, que traz, em ordem crescente de idade, cada indivíduo e a idade na época da entrevista. Os pesos relativos estão também representados no gráfico 1.

Input .040 FALANTE	DÉCADA 70			DÉCADA 90		
	Idade	%	P.R	Idade	%	P.R
INQ.96	25	46%	.52	45	25%	.36
INQ.011	26	48%	.66	46	27%	.26
INQ.133	31	63%	.69	50	38%	.37
INQ.164	34	43%	.51	53	51%	.54
INQ.052	39	35%	.41	59	58%	.57
INQ.233	41	35%	.35	59	66%	.67
INQ.002	44	59%	.75	65	43%	.61
INQ.140	55	43%	.63	74	29%	.46
INQ.071	56	42%	.51	79	65%	.74
INQ.347	57	36%	.61	79	25%	.27
INQ.373	58	28%	.44	76	28%	.38

Tabela 4: Sujeito nulo de 3ª pessoa por indivíduo nas duas décadas (pronome x sujeito nulo)

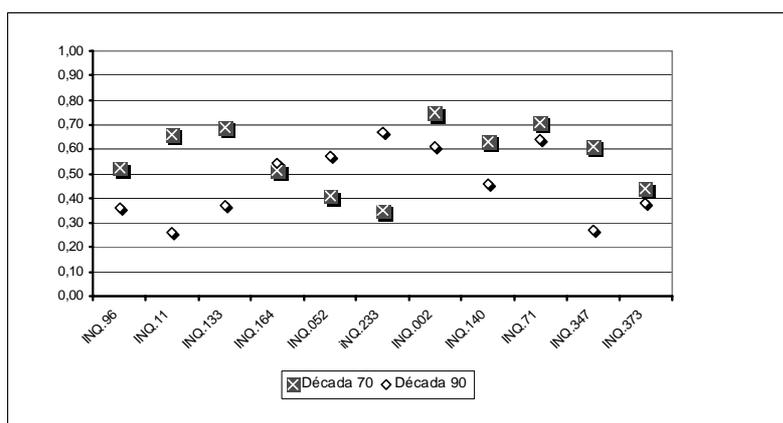


Gráfico 1: Comportamento do indivíduo no uso do sujeito nulo na 3ª pessoa nas duas décadas (pesos relativos / pronome pleno x nulo)

A tabela 4 mostra que seis informantes diminuem o uso do sujeito nulo (INQ.96, INQ.011, INQ.133, INQ.002, INQ.140 e INQ. 347); três aumentam (INQ. 052, INQ.233 e INQ.071) e dois ficam iguais (INQ.164 e 373).

Os resultados evidenciam três direções: avanço, recuo e estabilidade, indicando um caráter irregular do comportamento dos indivíduos entre si e entre as duas sincronias, porque se pode observar a existência de agrupamentos e de dispersão. Há, pois, um movimento lingüístico do sujeito nulo na 3ª pessoa marcado por equilíbrio e desequilíbrio entre falantes de nível superior da cidade do Rio de Janeiro. Esse quadro de instabilidade é o mesmo encontrado por estudos que focalizam outros fenômenos variáveis no PB, com base em amostras da fala popular carioca (cf. Paiva e Duarte 2003). Reforça-se a hipótese de que na 3ª pessoa a tendência ao preenchimento do sujeito caminha mais lentamente do que na 1ª e 2ª pessoa.

4.2. *Estudo de Tendência*

Tal como foi feito no estudo de Painei, considerou-se apenas o sujeito nulo e o pronome pleno. Os resultados obtidos com a exclusão dos SNs aparecem na tabela 4. Neste estudo, os dados foram processados em rodadas distintas.

Variantes	Década 70		Década 90	
Sujeito nulo	232	44%	136	37%
Pronome	299	56%	225	63%
Total	531	100	361	100%

Tabela 5: Distribuição geral das variantes: o sujeito anafórico de 3ª pessoa (suj.nulo x pronome)

Considerando apenas os pronomes nulos e plenos, a diferença entre os índices, que é de 12% no primeiro momento, passa a 26%, sendo, portanto, praticamente, duplicada, o que deixa clara uma relativa instabilidade da comunidade nos últimos 20 anos que separam as duas amostras; entretanto, esse caráter instável é desfeito quando se levam em conta não só os fatores selecionados para ambas as sincronias, mas a aplicação da regra.

4.2.1. A atuação dos fatores selecionados

Década 70 (input .43)	Década 90 (input .35)
Animacidade do antecedente	Presença/ausência de adjuntos a IP
Acessibilidade do antecedente	Acessibilidade do antecedente
Verbo ser x outros verbos	Animacidade do antecedente
Faixa etária	Verbo ser x outros verbos

Quadro 2: Fatores selecionados como significantes para a realização do sujeito nulo de 3ª pessoa em cada época (sujeito nulo vs pronome)

Nos dois estudos, os grupos selecionados foram, praticamente, os mesmos, diferindo, de uma época para outra, apenas pela seleção dos grupos **faixa etária** e **presença/ausência de adjuntos a IP**, selecionados apenas para a década de 70 e 90, respectivamente. A variável **acessibilidade do antecedente**, além de ter sido selecionada nos dois períodos, alcança a mesma posição em ambas as décadas, ficando sempre em 2º lugar na ordem de seleção.

É sugestivo o quadro das variáveis selecionadas, porque leva à conclusão de que o equilíbrio sugerido na leitura dos *inputs* e dos percentuais se revela na atuação das variáveis, já que, de maneira geral, o que era significativo para a regra de aplicação em um período de tempo permanece no outro. Essa constância dos grupos de fatores ocorreu, em relação ao preenchimento do sujeito, na fala popular, conforme atestado por Paredes Silva (2003). Chama a atenção, contudo, como veremos mais adiante, a seleção da variável extralingüística - **faixa etária**, na primeira sincronia.

A seleção da variável **animacidade do antecedente** para as duas décadas reflete a importância desse fator para o comportamento do sujeito anafórico de 3ª pessoa. Veja-se que, para a década de 90 (ver quadro 2), esse grupo aparece em 3º lugar entre os selecionados, mas alcança, no outro período, a primeira posição.

Traços	Década 70			Década 90		
	Apl/T	%	P.R	Apl/T	%	P.R
[-animado]	96/125	76	.77	35/57	61	.73
[conjunto inanimado com elementos humanos]	10/20	50	.50	3/7	42	.48
[+humano+animado]	126/386	32	.40	98/297	32	.45
Total	232/531	43		136/361	37	

Tabela 6: O sujeito nulo e animacidade nas duas décadas

A atuação da hierarquia de referencialidade, proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000)⁶ para os processos de mudança envolvendo pronomes, confirma-se nos resultados obtidos para as duas sincronias, já que o traço [-animado] aparece com os pesos relativos mais altos para o sujeito nulo nas duas décadas, polarizando-se com os pesos mais baixos para os sujeitos com antecedente [-animado], o que reafirma sua importância como contexto de resistência do sujeito nulo. Esse traço mantém-se relevante mesmo nos casos de antecedentes com o traço [-animado] que representam um conjunto com elementos de traço [+animado], como **igreja, clube, sindicato, cooperativa**, ilustrados nos exemplos 7 e 8.

- (7) o sindicato_i pode ocorrer como (cv)_i ocorreu contestando contra (INQ.164/70)
 (8) o governo_i poderia muito bem aumentar esse salário... os cento e doze. Dobrar o salário. Mas ele_i diz que (cv)_i não tem condição.. (INQ.14/ década de 90)

Os resultados referentes ao traço [+humano +animado] também confirmam a atuação dessa hierarquia no fenômeno em análise, indicando que, de fato, sujeitos anafóricos de 3ª pessoa tendem a ser expressos, como exemplificado em (9), se o antecedente exibir o traço [+humano +animado], localizando-se, portanto, no extremo de maior referencialidade do contínuo proposto por Cyrino, Duarte e Kato (2000).

⁶ Em línguas em que existe a opção de um pronome nulo ou pleno, o estatuto referencial do antecedente é, segundo Cyrino, Duarte e Kato (2000), um importante fator para a seleção de variantes nulas ou não-nulas.

Hierarquia referencial

não-argumento	proposição	[-humano]	[+humano]
		3p.	3p. 2p. 1p
		-específico	+específico
[-ref] <	—————		> [+referencial]

- (9) *a minha avó_i*, mesmo muitas vezes ia pra cozinha... *ela_i*, mesma fazia a comida porque *ela_i* cozinhava loucamente bem... (INQ.11/ década de 70)

Além disso, chama a atenção o fato de que a diferença entre o peso obtido para o traço [-animado] e [+humano e +animado] diminui na segunda sincronia: cai de .37 para .28, o que pode indicar que a resistência do traço [-animado] vai aos poucos se enfraquecendo.

Os resultados obtidos para o grupo **acessibilidade do antecedente**, selecionado em ambas as sincronias, reafirmam a tendência, já apontada por Paredes Silva (1988, 2003 entre outros) e verificada por Duarte para a fala popular, ao uso do sujeito nulo em contextos em que o antecedente se encontra sintaticamente acessível, ou seja: em função de sujeito e sem elementos intervenientes que ameacem a identificação do antecedente, como em (10), (11), (12) e (13):

- (10) *o homem_i*, disse que (cv)_i só vendia bananas a a quilo. (INQ. 2/ década de 70)
 (11) Mas *minha mãe_i*, me cobrava muito, né, porque *ela_i* viu que, no último ano que era o ano do vestibular (INQ.1/ década de 90)
 (12) foi uma grande força de cooperação e ofício ... em que *o indivíduo_i* tinha até uma escala profissional ... *ele_i* era aprendiz ... (INQ.164/ década de 70)
 (13) ah *o garoto* já... tá com dezessete anos:...né?(cv) *vai fazer dezoito...* (INQ.17/ década de 90)

Condições de acessibilidade	Década 70			Década 90		
	Apl/T	%	P.R	Apl/T	%	P.R
Antecedente sintaticamente acessível	152/290	52	.64	94/210	44	.60
Antecedente sintaticamente não acessível	80/241	33	.33	42/151	27	.35
Total	232/531	37		136/361	33	

Tabela 7: O sujeito nulo e as condições de acessibilidade do antecedente

O que chama, entretanto, a atenção na tabela 7 é o fato de que tanto os sujeitos com antecedente mais acessível quanto aqueles com o antecedente menos acessível são mais expressos que nulos (exceto pelos 52% de sujeitos nulos com o antecedente acessível na década de 70), um resultado que, por si só já é suficiente para mostrar que o PB tem um comportamento atípico no contexto das línguas românicas e que, se ainda não é uma

língua negativamente marcada em relação ao parâmetro do Sujeito Nulo, tampouco é uma língua positivamente marcada em relação a ele. A vantagem da análise de regra variável está justamente em mostrar a atuação desse grupo de fatores, ou seja, a força que tem a manutenção da referência na não expressão do pronome; não surpreende, pois, que este seja o contexto de maior resistência à mudança. Veja-se que a distância entre os pesos relativos é de .31 no primeiro momento e de .25 no segundo. Não se pode falar, pois, em mudança no período, mas a redução na distância entre os dois fatores (maior e menor acessibilidade do antecedente) é digna de nota.

Levantou-se a hipótese de que as construções com *ser* estariam atuando como um contexto de resistência do sujeito nulo por conta de aspectos intrínsecos a essa forma verbal, que se encontra em muitas estruturas com sujeito expletivo nulo (das quais o presente estudo não trata).

	Década 70			Década 90		
	Apl/T	%	PR	Apl/T	%	PR
Verbo ser	96/136	71	.67	34/58	58	.66
Outros verbos	136/395	34	.43	102/303	33	.47
Total	232/531	43		136/361	37	

Tabela 8: Sujeitos nulos e o verbo *ser* x outros verbos nas duas décadas

Em relação aos percentuais, os resultados demonstram que houve uma diminuição, de um período para o outro, de 13 pontos em relação ao uso do sujeito nulo nos contextos com *ser*, mas, ainda assim, continua a ser favorecido, o que parece confirmar a hipótese de que estruturas com esse verbo estejam entre aquelas que mais abrigam a expressão vazia do sujeito. Veja-se que a distância entre os pesos relativos, nas duas sincronias, é relevante, alcançando .24 e .19 para a década de 70 e 90, respectivamente. Observa-se que a realização da variante conservadora nessas estruturas é verificada quer em contextos desfavoráveis à sua realização, conforme se verifica em (14), (15), em que o antecedente aparece em outra função sintática e com o traço [+humano + animado], quer em estruturas favorecedoras, aqui exemplificadas em (16). Nesse caso, o antecedente tem a mesma função sintática do sujeito, sem nenhum elemento ameaçando sua acessibilidade e, além disso, exibe o traço [-animado]:

- (14) tenho amigos_i... como eu tinha dito... anteriormente...(cv)_i *são* muito restritos (INQ.71/década 70)
- (15) nós temos aqui uma professora que é a Cléia_i ... que trabalhava num colégio tradicional que é o Lemos de Castro e como (cv)_i *era mais nova* ... pra não mandarem... (INQ.164 / década 70)
- (16) e hoje a rua_i é muito mais movimentada do que (cv)_i *era na minha época* (INQ.23/ década de 70)

O grupo **presença/ausência de adjuntos a IP** foi selecionado apenas para a década de 90, ocupando o 1º lugar na seleção. A hipótese inicial para essa variável era a de que a presença de elementos adjuntos a IP (destaques em 17 e 18) desfavoreceria a expressão vazia do sujeito de 3ª pessoa, enquanto a ausência de qualquer adjunto, representada em (19) e (20), facilitaria a ocorrência de uma categoria vazia. A hipótese que subjaz a este grupo é a de que a presença de adjuntos dificultaria a identificação por um antecedente.

- (17) eles gostam muito é de... bife com batata frita... hamburguer... pizza... tudo quanto é besteira... é com eles_i mesmos... *ÀS VEZES* (cv)_i *comem feijão*... eles gostam do feijão carregado...(INQ.14/década 90)
- (18) inclusive os navios_i andam por ali né... ENTÃO eles_i descarregam muita coisa (INQ.20/década de 90)
- (19) o português ficou na Costa ... __ (cv)_i *Explorou o negro e o índio ... o americano* (INQ.17/ década de 90)
- (20) eu não peguei nenhum desses profes..., nenhuma dessas professoras_i __ (cv)_i *Eram de certa maneira rígidas* né (INQ.01/década 90)

Presença / ausência de adjuntos a IP	Apl/T	%	PR
Nenhum elemento	127/304	41	.56
Elementos discursivos	6/26	23	.37
Adjuntos adverbiais	3/31	9	.12
Total	136/361	37	

Tabela 9: O sujeito nulo e a presença/ausência de adjuntos a IP, década de 90

A hipótese foi confirmada, já que, quando há adjuntos ao sujeito, sejam adjuntos adverbiais, sejam elementos discursivos, exemplificados em (17) e (18), respectivamente, os índices de sujeitos nulos são baixos, particularmente na presença de adjuntos adverbiais (.12), enquanto a ausência

desses elementos, como se vê em (19) e (20), favorece o sujeito nulo, exibindo o peso de .56. Há, pois, uma diferença de .42 entre a ausência de elementos e a presença de adjuntos nessa posição da sentença; a presença de elementos discursivos fica entre esses dois extremos, com .37. É bem verdade que a categoria vazia em (20) participa de uma estrutura com o verbo *ser*, que, como vemos, favorece largamente o sujeito nulo.

De qualquer forma, os resultados indicam que a ausência de adjuntos a IP também é um fator a favor da expressão vazia do sujeito na fala culta do brasileiro, aqui representada pela variedade carioca. O grupo em análise, entretanto, só se mostrou significativo para a década de 90, sendo o primeiro selecionado na ordem de seleção. Para a década de 70, os percentuais, quer para ausência, quer para a presença de elementos adjuntos a IP, apresentam praticamente os mesmos valores, ficando a taxa para o sujeito nulo em torno de 42%, quando há ausência de adjuntos a IP e em 44% quando há presença de elementos.

Para a década de 70, a variável externa *faixa etária* foi a última a ser selecionada. Um resultado, em princípio, inusitado, se comparado com os resultados obtidos por trabalhos realizados sob a perspectiva do tempo real, como o de Paredes Silva (2003), uma vez que esse fator, ao lado de outras variáveis externas, demonstrou fraco desempenho.

Faixa etária	Apl/T	%	PR
Faixa 1 (25 a 35 anos)	81/149	54	.61
Faixa 2 (36 a 55 anos)	84/189	44	.53
Faixa 3 (mais de 56 anos)	67/193	34	.38
Total	232/531	43	

Tabela 10: O sujeito nulo por faixa etária, na década de 70

Verifica-se que, quanto mais novo o falante, maior é a realização do sujeito nulo e que, embora não haja polarização entre os pesos, há uma diferença de .23, considerada expressiva, entre a faixa 1 (25 a 35 anos) e a faixa 3 (mais de 56 anos), indicando que os mais velhos, na década de 70, usavam menos sujeito nulo que os mais jovens. Esperava-se um resultado contrário, já que a maioria dos estudos realizados sobre a amostra NURC revelam um quadro de mudança em tempo aparente. Vejam-se, por exem-

plo, a implementação de **a gente vs nós** (Lopes, 1993) e o uso de **ter sobre haver** (Leite, e Callou, 2002). Uma investigação do conjunto dos dados para cada faixa, observando a possível concentração de sujeitos com o traço [-animado], antecedentes com maior acessibilidade e estruturas com **ser se** faz necessária.

5. O comportamento do sujeito anafórico de 3ª pessoa no PB, PE E PM

A pergunta que se coloca é: esse comportamento da 3ª pessoa na fala culta carioca é diferente do de outras variedades do português, como a europeia, considerada, tal como o italiano, uma língua de sujeito nulo prototípica (Duarte 1995), e a moçambicana, uma variedade que pouco conhecemos? Para respondê-la, buscou-se estabelecer uma comparação entre os resultados obtidos, para a década de 90, no estudo de Tendência, e os resultados referentes ao PE e ao PM.

Quanto ao PE, como já se conta com algumas pesquisas que investigam o uso do sujeito nulo ou pleno nas três pessoas gramaticais, quer no registro coloquial (Duarte, 1995), quer em entrevistas reproduzidas pela imprensa (Barbosa, Duarte & Kato 2005), não se efetuou, para o contraponto, um levantamento de dados. Foram utilizados os resultados para a 3ª pessoa obtidos por Duarte (2005), que contempla apenas falantes cultos do PE. No que se refere ao PM, a amostra utilizada faz parte do Projeto “Panorama do Português Oral de Maputo” (PPOM), que é constituído por gravações produzidas por 100 falantes de cinco bairros da cidade de Maputo, na década de 90 (Stroud e Gonçalves, 1997a). Para a análise, foram utilizadas apenas quatro entrevistas com indivíduos de formação superior, distribuídos de acordo com a faixa etária:

O PE é, para a variedade moçambicana do português, a língua-alvo, ou seja: a variedade adotada como norma de referência, daí a hipótese de que, em relação ao uso do sujeito anafórico de 3ª pessoa, o PM, aprendido em situação formal, apresente o mesmo comportamento da variedade europeia. Entretanto, a relação com a língua-alvo, que em princípio geraria essa semelhança, pode também levar a estruturas lingüísticas distintas das legitimadas pela norma padrão, o que para Issak (1998), respaldada em Gonçalves (1990), parece natural, já que em Moçambique a língua portu-

guesa convive essencialmente com línguas nativas, que são geralmente línguas maternas. E, segundo Gonçalves (1990:89, *apud* Issak 1998), a condição de L2 da língua portuguesa em Moçambique “dá naturalmente origem a alteração às regras que regulam o seu uso na variante europeia.”

Os resultados, em relação ao sujeito nulo, para as variedades brasileira, portuguesa e moçambicana são apresentados na tabela que segue:

PB			PE			PM		
Apl	%	Total	Apl	%	Total	Apl	%	Total
136	37	361	126	78	162	102	72	141

Tabela 11: Ocorrência de sujeitos nulos em PB, PE e PM

Observa-se, por um lado, uma semelhança na distribuição do sujeito nulo no PE e PM, e, por outro, uma notável diferença entre o PB e essas duas variedades do português, o que se visualiza no gráfico 2.

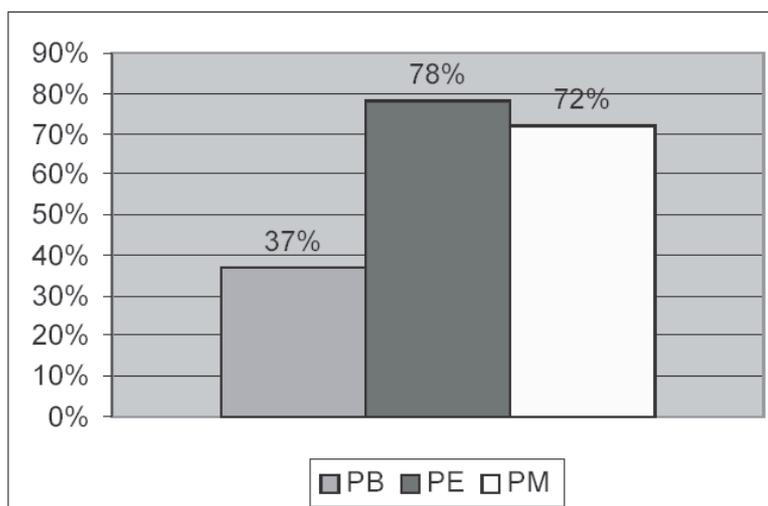


Gráfico 2: Percentuais de sujeito nulo no PB, PE e PM

Note-se que o apagamento do sujeito alcança uma taxa percentual mais alta no PE, seguido do PM, com uma diferença de apenas 6 pontos percentuais entre essas duas variedades. No PB, registra-se o índice mais baixo de sujeito nulo, com uma distância em relação ao PE de 34 pontos percentuais, mas, ainda assim, a taxa de 37% de sujeito nulo é relevante, confirmando-se a hipótese de que esse contexto resiste à mudança. Confirma-se também a hipótese, levantada por Bravin dos Santos (2003) e aqui retomada, de que o PM apresenta um comportamento semelhante ao da língua alvo, o PE, no que se refere ao uso da 3ª pessoa, ao contrário do que ocorre com outros fenômenos lingüísticos, como as relativas. Tais orações são realizadas como no PB (cf. Tarallo 1983), com o pronome resumitivo e com a relativa cortadora, destoando das estruturas legitimadas pela norma padrão do PE (Chimbutane 1998).

Comparando-se o PB, o PE e o PM, no tocante à acessibilidade do antecedente, grupo selecionado sistematicamente nas três variedades, o que se verifica é um comportamento bem diferente do sujeito anafórico de 3ª pessoa no PB em relação às outras duas variedades. Nestas o apagamento é a opção preferida em todos os contextos: quer em frases em que o antecedente está adjacente à oração em que figura o sujeito, quer em frases em que isso não ocorre. Não há também nenhuma rejeição ao nulo quando o antecedente aparece em outra função sintática. Já no PB, nota-se que a preferência pelo apagamento recai sobre as estruturas em que o antecedente na função de sujeito e o sujeito nulo se encontram em frases adjacentes (44%), ainda que num percentual abaixo do obtido para o PE (97%) e o PM (79%). Mas, ainda assim, o PB tem nessas estruturas um contexto de resistência à mudança.

Em relação à variável animacidade do antecedente, como verificado por Barbosa, Duarte e Kato (2005), a realização do sujeito nulo é categórica quando se trata de antecedentes com o traço [-animado]. Esse percentual chega a 93% na análise da fala espontânea do PE (Duarte 1995), o que mostra não ser categórico, mas extremamente favorecido, o apagamento quando o traço do referente é [-animado]. No PB, a categoria, nesse contexto, embora não seja categórica, exhibe um dos percentuais mais altos para essa variedade: 61% (e 44% na amostra de fala culta examinada por Duarte 1995). No PM, tal como no PE, a distribuição de nulo é de 100% com o traço [-animado], o que sugere a importância desse contexto no apagamento do sujeito de 3ª pessoa nas línguas de sujeito nulo. Quan-

do o antecedente é [+animado], o índice é de 68%, bem alto se comparados aos 32% do PB.

Veja-se, portanto, que o contexto em que o índice de sujeito nulo é alto na variedade brasileira é o mesmo em que a sua realização é categórica (ou quase categórica) tanto na europeia quanto na moçambicana. Isso não só explica por que a 3ª pessoa se constitui um contexto de resistência à mudança no PB como confirma a atuação da hierarquia da referencialidade, retardando a implementação da mudança no PB quando o antecedente é [-animado].

5. Conclusão

Os estudos de Painei e de Tendência permitem concluir que há instabilidade no comportamento do indivíduo. Na comunidade, nota-se uma certa estabilidade, atestada não só na aplicação da regra, mas nos fatores selecionados para ambas as sincronias, confirmando Sankoff (2006). Esse resultado, aparentemente paradoxal, revela o quanto é difícil capturar uma mudança em processo já tão avançado (vejam-se os percentuais de preenchimento) em tão curto espaço de tempo.

Embora todos os percentuais, exceto para o sujeito nulo com o traço [-animado] (76%-década de 70, 61%-década de 90), revelem a superioridade do sujeito expresso, a análise das variáveis permitiu identificarmos os contextos que, de fato, têm significância maior para a ocorrência do sujeito nulo. Chegou-se à conclusão de que os grupos **acessibilidade do antecedente, animacidade do referente e verbo ser x outros verbos** têm forte atuação na realização nula ou plena do sujeito de 3ª pessoa, uma vez que foram selecionados pelo programa VARBRUL como significativos para ambas as décadas. Essa constância indica, portanto, a importância de tais variáveis na identificação dos pontos de resistência ao preenchimento da posição do sujeito no PB.

Temos, pois, que uma estrutura com antecedente sintaticamente acessível (isto é, em sentença adjacente e com a mesma função) é ainda um dos contextos a abrigar, no PB, o sujeito nulo. Se o antecedente, porém, não estiver acessível (isto é, não adjacente ou em outra função), o apagamento do sujeito não é a opção preferida, mas, ainda assim, é possível encontrarmos a ocorrência de sujeitos nulos nesse contexto, o que sugere, mais uma vez, a resistência da 3ª pessoa à mudança.

Quando o referente do sujeito possui o traço [-animado], a preferência recai sobre o sujeito nulo, com um dos mais altos percentuais obtidos em toda a análise: 76% para a década de 70 e 61% para a de 90, confirmando, assim, a atuação da hierarquia de referencialidade proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000) para os processos de mudança envolvendo pronomes. Verificou-se que, de fato, o traço [-animado] do antecedente ainda favorece largamente o uso do sujeito nulo, mas já começa ceder espaço ao pleno, uma vez que o apagamento do sujeito, nesses casos, não foi categórico.

As expectativas em relação à atuação das estruturas com *ser*, no apagamento do sujeito de 3ª pessoa, também foram confirmadas. Esse fator apresentou, de uma década para outra, um decréscimo no uso do sujeito nulo, mas continua favorecendo a categoria vazia, o que reforça a hipótese de que construções com esse verbo estejam entre os contextos de resistência à mudança.

No conjunto, os resultados referentes ao PB apontaram para duas direções: de um lado, observa-se, ainda, a realização de sujeitos nulos; de outro, a clara preferência pelo preenchimento da posição do sujeito, o que coloca essa variedade do português em uma posição intermediária entre o que se considera língua de sujeito nulo, prototípica, e língua de sujeito preenchido. As conclusões obtidas na comparação entre o PB, PE e PM, de certa forma, ratificam essa posição intermediária do português.

No contraponto estabelecido entre as variedades brasileira, portuguesa e moçambicana do português, verificou-se, para as duas últimas, o uso preferencial do sujeito nulo em todos os contextos, com índices bem altos, ao contrário do PB. Ainda se constataram, tanto no PE quanto no PM, contextos categóricos de apagamento do sujeito, o que não se viu na variedade brasileira. Confirmaram-se, portanto, não só a hipótese de que o PB, em relação ao sujeito anafórico de 3ª pessoa, tem um comportamento diferente do PE e PM, mas também a hipótese de que este último apresenta uma distribuição de sujeitos nulos semelhante à da língua-alvo.

O PB representado pelas amostras analisadas tem um comportamento atípico no contexto das línguas românicas e que, se ainda não é uma língua negativamente marcada em relação ao parâmetro do Sujeito Nulo, tampouco é uma língua positivamente marcada em relação a ele. E se a tendência ao preenchimento do sujeito, por um lado, é confirmada, por outro, há ainda a realização do sujeito nulo, o que sugere a manifestação de

um tipo particular de língua *pro-drop*, em que a categoria vazia é licenciada em um sistema diferente das línguas de sujeito nulo.

Recebido em janeiro de 2007.
Aprovado em janeiro de 2008.
E-mail: bravin.rj@uol.com.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, P, DUARTE & KATO, M. A. 2005. Null Subjects in European and Brazilian Portuguese. In: *Journal of Portuguese Linguistics*, 4, no. 2: 11-52.
- BERLINCK, Rosane de Andrade. 1989. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: Tarallo, Fernando (org.). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas, SP: Pontes.
- BRAVIN DOS SANTOS, Ângela Marina. 2000. *O sujeito pronominal em contexto de mudança paramétrica: a escrita de alunos do Ensino Médio*. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras.
- CALABRESE, Andréa. 1986. Pronomina: some properties of the Italian pronominal system. In: N. Fukui, T. Rapoport & E. Sagey (eds) *MIT Working Papers in Linguistic*, 8: 1-46.
- CHIMBUTANE, Feliciano. 1998. As estratégias resumptiva e cortadora na formação de orações relativas do português de Moçambique. In: Gonçalves, Perpétua (org.) *Mudanças no português em Moçambique: aquisição e formato de estruturas de subordinação*. Maputo, Moçambique: Livraria Universitária: 111-168.
- CHOMSKY, Noam. 1981. *Lectures on government and binding*. Foris, Dordrecht.
- CYRINO, Sônia M. L., DUARTE M.E.L., KATO, M.A. 2000. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: Kato, M. A. e Negrão, Esmeralda (eds.) *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Vervuert – Iberoamericana. 55-74.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. 1995. *A perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro*. Tese de Doutorado em Lingüística. Campinas: Unicamp.
- _____. 1998. O sujeito nulo no português do Brasil: de regra obrigatória a regra variável. In: Grosse, S Z; Zimmermann, K (org.) *"Substandard" e mudança no português do Brasil*. Frankfurt am Main: TFM: 189-201.

- _____. 1999a. Sociolingüística e Teoria de Princípios e Parâmetros. In: *Anais do VIII Congresso da Assel-Rio*: 803-810.
- _____. 1999b. A Sociolingüística Paramétrica: perspectivas. In: Hor. D. da Z. Christiano. E (orgs.) *Estudos lingüísticos: realidade brasileira*. João Pessoa: Idéia: 107-114.
- _____. 2003. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: Paiva, Maria da Conceição de e Duarte, Maria Eugênia Lamoglia (orgs) *Mudança Lingüística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: Contracapa.
- GONÇALVES, Perpétua. 1990. *A construção de uma gramática do português de Moçambique: Aspectos da estrutura argumental dos verbos*. Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.
- ISSAK, Aíssa. 1998. Estruturas de complementação verbal do português de Moçambique. In: Gonçalves, Perpétua (org.) *Mudanças no português em Moçambique: aquisição e formato de estruturas de subordinação*. Maputo, Moçambique: Livraria universitária: 67-110.
- KATO, Mary A. e DUARTE, Maria Eugênia L., CYRINO, Sônia, ANDRADE BERLINCK. (no prelo) Português brasileiro no fim do século XIX e na virada do milênio. In: Cardoso, Suzana (orgs.) *500 anos de história lingüística no Brasil*. Salvador.
- KATO, Mary A. DUARTE, M.E.L. 2003. Português brasileiro: um desafio para o parâmetro do sujeito nulo. Comunicação apresentada durante o II Congresso Internacional da Abralín. UFRJ.
- LABOV, William. 1994. The study of Language in progress: observations in real time. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Oxford, Blackwell: 74-112.
- LAPERUTA, Maridelma. 2003. *A realização do sujeito pronominal: um estudo sociolingüístico paramétrico para a cidade de Londrina-norte do Paraná*. Dissertação de Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa. Universidade estadual Paulista.
- LEITE, Y & CALLOU, D. 2002. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Zahar.
- LOPES, C. R. dos S. 1993. *Nós e a gente no português falado do Brasil*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ.
- NARO, Anthony. 1981. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language* 57: 63-98.
- ORSINE, Mônica Tavares. 2003. *As construções de tópico no Português do Brasil: uma análise sintático-discursiva e prosódica*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ /FL.

- PAIVA, Maria da Conceição de. & DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (orgs). 2003. *Mudança Lingüística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- PAREDES, Vera L. S. 1988. *Cartas cariocas: A variação do sujeito na escrita informal*. Tese de doutorado, UFRJ.
- PAREDES SILVA, Vera L. 2003. Motivações funcionais no uso do sujeito pronominal: uma análise em tempo real. In: Paiva, Maria da Conceição de. & Duarte, Maria Eugênia Lamoglia (orgs). *Mudança Lingüística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- PONTES, Eunice. 1987 *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes.
- RAPOSO, Eduardo P.1992. *Teoria da gramática. A faculdade da linguagem*. Lisboa: Editorial Caminho, AS.
- SANKOFF, Gillian. 2006. Age: Apparent time and real time. *Elsevier Encyclopedia of Language and Linguistics*. Second Edition. Article Number: LALI: 01479.
- STROUD, Christopher & GONÇALVES, Perpétua (orgs) 1997a. *Panorama do português oral de Maputo. Vol 1: Objectivos e métodos*. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação. Cadernos de pesquisa do Inde n° 22.
- TARALLO, Fernando. 1983. *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. Tese de Doutorado. University of Pennsylvania.
- _____. 1985. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo, Ática.
- _____ & KATO, M. 1989. Harmonia trans-sistêmica: variação intra- e inter-lingüísticas. In: *Preedição*, 5. Campinas, RG.
- _____.1991. Reflexões sobre o conceito de mudança lingüística. In: *Organon*, 18. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul: 23-36.
- VASCO, Sérgio Leitão. 2006. *Construções de tópico na fala popular*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ /FL.